

O PROFESSOR E SUAS ATRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A SUA PRÁTICA DE ENSINO DENTRO DE UM CONTEXTO UTILITARISTA E TECNICISTA DE EDUCAÇÃO.

Paulo Roberto da Silva Moreira¹
Leticya Ewellyn Santos Ribeiro²
Liza Mara Furtado Silva³
Tarise Brenda da Costa Marques Teófilo⁴

INTRODUÇÃO

A partir dos anos 80 no Brasil, os programas de escolarização dos adultos passaram a receber um novo grupo social constituído por jovens, e nos anos seguintes, ocorreu um alargamento da declaração de direitos dos jovens e dos adultos ao abranger não só a alfabetização e o ensino elementar, mas também o ensino médio e profissional, incluindo pessoas em privação de liberdade.

Com novas demandas, novas responsabilidades e desafios são anexados ao perfil desse professor, pois são universos muito distintos nos planos etários, culturais e das expectativas em relação à escola.

O objetivo deste trabalho é promover uma reflexão sobre as atribuições pedagógicas necessárias no exercício da educação de jovens e adultos (EJA) dentro de uma mentalidade crescente na atualidade de educação utilitarista e tecnicista.

METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo dessa reflexão, será utilizada como metodologia de trabalho a pesquisa bibliográfica. Dentre os autores que dão suporte a esse estudo, destacam-se: Freire (1992), Machado (2016) e Haddad (2015).

Nessa perspectiva, levando em consideração o objetivo da pesquisa, Severino considera que:

[...] a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas. (SEVERINO, 2007, p. 122)

Para fins de sistematização o trabalho está organizado em Introdução, Metodologia, Desenvolvimento, Resultados e Discursão, Considerações Finais e Referência Bibliográfica.

DESENVOLVIMENTO

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, pr.dsm@hotmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, leribeiroufc@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, lyzamara@gmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, tariseteofilo@gmail.com

A globalização econômica mudou as regras de competitividade, impulsionando uma modificação dos padrões de comercialização e produção. Logo, uma produção qualitativamente eficaz e flexível, com menor custo trabalhista e de capital torna-se o ambiente a ser buscado. Portanto, novas habilidades por parte dos trabalhadores são buscadas e a educação entra como ferramenta para moldar os novos perfis de trabalhadores.

“O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optarmos, na verdade, por um mundo de gente.” (Freire, 1996, p. 144)

Para suprir essas novas exigências, a legislação educacional adapta-se para proporcionar uma formação mais alinhada ao mercado de trabalho e com isso enfraquecendo a função social da educação na direção de uma formação integral do indivíduo.

Sobre os desdobramentos dessas adequações de legislações e políticas educacionais, e que professor da EJA está inserido, Haddad e Di Pierro comenta:

É o predomínio de uma leitura instrumental do que seja a aprendizagem continuada ao longo da vida que, visando à competitividade econômica, busca atender (incluindo estratégias privatistas) exigências de qualificação para o mercado de trabalho, em detrimento da formação integral dos sujeitos, e sem o compromisso com a universalidade do direito à aprendizagem. (HADDAD e DI PIERRO, 2015, p. 214)

Uma grande parcela de jovens, motivados por fatores estruturais (modo capitalista de produção, estruturação tardia do sistema público de ensino brasileiro, violência etc.), políticos (políticas educacionais equivocadas, escassez de recursos públicos etc.) e pedagógicos (visão conteudista, fria, autoritária etc.) procuram cada vez mais a modalidade da EJA e cada vez mais precocemente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Temos nesse mosaico de tensões dos variados públicos da EJA: jovens com histórico de repetência, de abandono da escola, desmotivados com a instituição e com eles próprios. E, em muitos casos, atribuindo a si mesmos apenas o insucesso do percurso escolar. Ou seja, carregam consigo o estigma de alunos-problema. O outro grupo, o dos mais velhos, vê na escola uma perspectiva de integração sociocultural.

Além disso, tivemos as mudanças socioculturais com as novas tecnologias e novas formas de sociabilização. A escola precisa ser re-significada nesse novo cenário. Conforme Paulo Freire defende em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, educadores e educandos estão em um movimento único onde os dois precisam ser sujeitos no ato pedagógico e com isso fazer com que a realidade seja repensada criticamente, desvendando-a. A habilidade da escuta precisa ser aprimorada. É preciso que a voz dos alunos seja respeitada. E, conforme Brunnel (2008, p. 23.) ressalta, é preciso ouvir os professores pois em muitos momentos são silenciados e forçados a ações imediatistas, autoritárias e, no caso de ensino privado, várias com caráter apenas empresarial.

E além da escuta generosa, que é diferente de um simples ouvir, o diálogo também generoso são fundamentais. Em espaços onde a palavra e a escuta são negados, alunos e professores tendem a distanciar-se.

“A educação reflete a estrutura do poder, daí, a dificuldade que tem um educador dialógico de atuar coerentemente numa estrutura que nega o diálogo” (FREIRE, 1996, p.71)

Freire reforça a importância dizendo “Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante.” (FREIRE, 2005, p. 126).

Como vemos, há várias demandas que necessitam de dedicação e boa formação dos professores da EJA num contexto tão desafiador onde as suas habilidades são postas à prova. E é inegável a tensão na sua prática educacional.

De maneira universal, trataremos as competências como as características que o mercado exige de um profissional para que ele consiga desempenhar seu trabalho com qualidade. Já habilidades são características pessoais, direcionadas à área da educação, que um profissional possui ou que possa vir a desenvolver, de forma a qualificar ainda mais seu trabalho.

Como competências necessárias têm: a formação técnica, a disponibilidade para a profissão, a capacidade de se trabalhar sobre pressão (internas e externas), a organização, a capacidade de tomada de decisão, e claro a Educação continuada.

Como habilidade é importante ter: boa comunicação, relacionamento interpessoal, liderança e pró-atividade.

Portanto, o que se constata neste mosaico de tensões e demandas exposto nas linhas acima é que por mais que temos as competências e habilidades necessárias no exercício da docência na EJA, há sim uma sobrecarga dessas atribuições.

Na vivência prática da docência são demandadas outras atenções e atuações que exigem uma adaptabilidade muito grande, pois o resgate desses educandos da EJA é feito até em demandas que excede as paredes das escolas.

A visão de tempo perdido dos mais jovens, além da desmotivação, pede que o professor trabalhe na recuperação da autoestima na sala de aula e, muitas vezes, na vida particular dos alunos. As relações familiares fragilizadas e a desconfiança com o futuro devido ao modelo econômico e político atual são notórias.

O trabalho do professor em todo esse processo é complexo, pois, além das demandas individuais do diverso público da EJA, ele precisa, ao mesmo tempo, trabalhar na ressignificação da escola que propaga um conceito de homem moderno que aceita as regras impostas pela sociedade e, ao negar isso, só restaria o caos e a desordem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso repensar as instituições educacionais, seus métodos e suas formas. A educação disciplinar, compartimentada, precisa se tornar transdisciplinar. A fragmentação torna difícil a compreensão do ser humano. Dito isto, acredito que a sabedoria Oriental poderia ajudar o Ocidente com um pouco da sua visão holística do ser humano.

Logo, não é possível pensar a EJA desarticulada das concepções de Paulo Freire sobre a formação humana integral, compreendendo o sujeito educando em toda a sua complexidade, em um modelo de educação que se torna mais eficaz quanto mais se distanciar do modelo bancário de educação, aonde os professores vão se tornando meros “facilitadores”, máquinas de reprodução social. A Pedagogia da práxis pretende ser uma pedagogia da educação transformadora.

É preciso saber como os alunos veem a vida, a situação do país, como enxergam seus medos e paixões, as relações que eles estabelecem com o mundo, como veem a realidade que os cercam e o espaço que ocupam nela.

Olhemos então a situação crítica de fiel da balança da função do professor. Ele assume, também, funções típicas de psicólogo e até de *coach* de carreiras de um público cada vez mais desiludido com as certezas efêmeras que o mercado tem produzido. Na maioria das vezes, o professor também é responsabilizado pelo fracasso de ações que estão além de sua atuação direta, como as grandes políticas educacionais de Estado ou o trabalho de proteção contra a ação da violência, por exemplo. Fora isso, ou somado a isso, tende a assumir uma desilusão com a profissão, pelos motivos já explicitados, e internalizar uma atitude que o

sociólogo Georg Simmel chama de “*blasê*”, que é a indiferença demonstrada na distinção entre as coisas, a incapacidade de reagir a novos estímulos com as energias adequadas.

Portanto, essa perda de sentido e de estímulo do professor é mais um revés no percurso de atuação de toda a cadeia educativa da EJA e de seu público já tão carente de atenção por parte de todos nós.

Palavras-chave: Educação, Jovens, Adultos, Formação, Professores.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000. Disponível em: <<https://onlinecursosgratuitos.com/17-livros-de-paulo-freire-para-baixar-em-pdf-livros-de-pedagogia/>>. Acesso em: 05/06/2019.

_____. **Pedagogia da Esperança.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. Disponível em: <<https://onlinecursosgratuitos.com/17-livros-de-paulo-freire-para-baixar-em-pdf-livros-de-pedagogia/>>. Acesso em: 01/06/2019.

_____. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <<https://onlinecursosgratuitos.com/17-livros-de-paulo-freire-para-baixar-em-pdf-livros-de-pedagogia/>>. Acesso em: 02/06/2019.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação:** um estudo introdutório. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

HADDAD, Sergio & DI PIERRO, Maria Clara. Transformações nas políticas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. **Cad. Cedes**, Campinas, n.36, p. 197-217, maio-ago. 2015.

NASCIMENTO, Carmen Teresinha Brunel do. **Jovens cada vez mais jovens na Educação de Jovens e Adultos.** 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência.** In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.) Saberes e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999. (p. 15 a 34).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2007.